

# Humor Racista: Uma Revisão Sistemática de Estudos

Camilla Lima de Araujo\*,<sup>1</sup>

Orcid.org/0000-0002-8196-9715

Diego Fonseca Gois<sup>1</sup>

Orcid.org/0000-0002-8978-2445

<sup>1</sup>*Departamento de Psicologia, Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil*

## Resumo

O presente estudo objetiva analisar a produção científica de estudos de distintas áreas que tiveram como foco o humor racista. Para tanto, uma revisão sistemática foi realizada nas bases de dados Scielo Brasil e Portal Periódicos CAPES em abril de 2021. A busca utilizou as palavras-chave racismo, humor e piada. Após a aplicação dos critérios de inclusão e exclusão restaram 42 artigos na amostra. Para a análise, os resumos dos artigos compuseram um corpus textual que foi submetido a análises lexicais com o auxílio do *software* IRAMUTEQ. Os resultados indicam que o tema tem sido pesquisado a partir de seis diferentes eixos temáticos: humor racistas nas plataformas, discussão crítica do humor racista, *blackface*, humor racista e cotidiano, humor racista e grupos inter-raciais e humor racista e política. Contudo, identificamos um número pouco expressivo de publicações científicas adiante à necessidade do debate acerca do tema do humor racista e racismo, em especial no campo da psicologia. Ademais, aponta-se a necessidade de estudos que visem analisar o impacto e compreensão do fenômeno sob a ótica dos seus atingidos.

**Palavras-chave:** racismo, humor, humor racista, *blackface*, piada.

## Racist Humor: A Systematic Review of Studies

### Abstract

The present study aims to analyze the scientific production of studies from different areas that focused on racist humor. For the analysis, a systematic review was carried out in the Scielo Brasil and Portal Periódicos CAPES databases in April 2021. The search used the keywords racism, humor and joke. After applying the inclusion and exclusion criteria, 42 articles remained in the sample. For the analysis, the abstracts of the articles composed a textual corpus that was submitted to lexical analysis with the help of the IRAMUTEQ software. The results indicate that the topic has been researched from six different thematic axes: racist humor on platforms, critical discussion of racist humor, *blackface*, racist

\* Correspondência: Camilla Lima de Araujo, Av. Marechal Rondon, Jardim Rosa Elze, S/N, 49100-000, São Cristóvão – SE, Brasil. [psicamillaaaraujo@gmail.com](mailto:psicamillaaaraujo@gmail.com).  
Este trabalho contou com o apoio financeiro da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES.

and everyday humor, racist humor and interracial groups and racist humor and politics. However, we identified a small number of scientific publications ahead of the need for debate on the topic of racist humor and racism, especially in the field of psychology. Furthermore, there is a need for studies that aim to analyze the impact and understanding of the phenomenon from the perspective of those affected.

**Keywords:** racism, humour, racist humor, *blackface*, joke.

## Humor Racista: Uma Revisão Sistemática de Estudos

### Resumen

El presente estudio tiene como objetivo analizar la producción científica de estudios de diferentes áreas que se centraron en el humor racista. Para ello, se realizó una revisión sistemática en las bases de datos Scielo Brasil y Portal Periódicos CAPES en abril de 2021. La búsqueda utilizó las palabras clave racismo, humor y chiste. Después de aplicar los criterios de inclusión y exclusión quedaron en la muestra 42 artículos. Para el análisis, los resúmenes de los artículos compusieron un corpus textual que fue sometido a análisis léxico con ayuda del software IRAMUTEQ. Los resultados indican que el tema ha sido investigado desde seis ejes temáticos diferentes: humor racista en las plataformas, discusión crítica del humor racista, *blackface*, humor racista y cotidiano, humor racista y grupos interraciales y humor racista y política. Sin embargo, identificamos un pequeño número de publicaciones científicas ante la necesidad de debate sobre el tema del humor racista y el racismo, especialmente en el campo de la psicología. Además, existe la necesidad de estudios que tengan como objetivo analizar el impacto y la comprensión del fenómeno desde la perspectiva de los afectados.

**Palabras-clave:** racismo, humor, humor racista, *blackface*, chiste.

Estudiosos notam um declínio na expressão pública de discursos ostensivamente racistas na era dos direitos civis nos Estados Unidos e argumentaram que expressões mais abertas de racismo foram substituídas por um novo discurso sutil e refinado (Bonilla-Silva, 2010; Lima & Vala, 2004). A literatura sugere que tal fato decorre do impacto que a norma social antirracista imprime nas relações sociais (Gaertner, & Dovidio, 1986; Katz & Hass, 1988; Kinder & Sears, 1981; McConahay & Hough, 1976; Pedersen & Walker, 1997; Pettigrew & Meertens, 1995). É nesse panorama que se começa a falar sobre “Novos Racismos” e “Novos Preconceitos (Lima & Vala, 2004). Todavia, na era das redes sociais, temos assistido no Brasil, mas também em escala global, a um “retorno do reprimido”. Nesse novo cenário ganhou força a narrativa de que o racismo é “mimimi” (Lima, 2019).

Embora haja um controle sobre as expressões abertas de racismo, ele não atinge todas as

esferas de igual forma, sendo mais frouxo nas redes sociais e no humor. Comediantes frequentemente fazem uso de estereótipos raciais e justificam-no com a narrativa de que o papel do humor é confrontar assuntos “delicados”, romper normas e tabus (Gilbert, 2004; Morreal, 2009). Se nas “novas expressões” públicas o racismo tende a ser escondido e velado, no humor o racismo está aberto a todos (Pérez, 2013). O humor surge, assim, como estratégia retórica para solução da expressão de discursos flagrantemente racistas em uma sociedade que nega o racismo.

O uso do humor como mecanismo de expressão de preconceitos étnicos e raciais tem sido documentado com diferentes denominações na literatura. No contexto norte-americano piadas de cunho racial se configuram como micro segregações (Cabrera, 2014; Harwood et al., 2010; Sue, 2010). Sue (2010) define micro segregações como um lugar comum de “indignidades” verbais, comportamentais e ambien-

tais diárias (i.e., discursos hostis e humilhantes contra a dignidade da pessoa humana), sejam intencionais ou não, que expressam, de forma violenta, a depreciação racial, de gênero, de orientação sexual, religiosa, dentre outras, contra uma pessoa ou grupo alvo.

As micro-segregações raciais muitas vezes são perpetuadas por meio do riso, visto a capacidade do humor de criar a coesão contra um grupo alvo, dentro dos limites da opressão e do politicamente correto (Pérez, 2013). Também nos Estados Unidos encontramos outra denominação para o fenômeno. Estudiosos intitularam humor depreciativo toda a comunicação humorística que se destina a suscitar a derrogação ou depreciação de um determinado alvo (Ferguson & Ford, 2008; Ford et al., 2015).

No Brasil, temos a denominação racismo recreativo. Segundo seu criador (Moreira, 2019), refere-se a uma política cultural que utiliza o humor para expressão de hostilidade às minorias raciais. O humor racista, para o autor, atua como mecanismo cultural que propaga racismo, mas que ao mesmo tempo permite que seus emissores ostentem uma imagem positiva de si mesmos. O racismo recreativo reproduz estigmas raciais que legitimam uma estrutura social discriminatória ao mesmo tempo em que encobre o papel da raça na construção das disparidades entre negros e brancos. Muitas são as denominações dadas ao fenômeno. O elemento comum entre elas reside no fato de o humor racista atuar como um poderoso instrumento de expressão e consolidação de conteúdos ofensivos, disfarçados em tom de brincadeira, capazes de contornar a censura e a reflexão crítica sobre aquilo que é dito (Dahia, 2010; Ford et al., 2015).

Não obstante as diferentes denominações e perspectivas dadas ao fenômeno há ainda pouca literatura científica disponível sobre o tema no Brasil. Como consequência, percebe-se a necessidade de investigar como a temática tem sido estudada em diferentes contextos e áreas do saber. Considerando a importância dos estudos de revisão sistemática para obtenção de um panorama acerca de determinada temática

(Zoltowski et al., 2014), o presente estudo objetivou analisar a produção científica de distintas áreas que tiveram como foco de análise o racismo e o humor racista, a fim de apresentar um estado da arte em relação à temática na literatura internacional. Para tanto, elencou-se como objetivo, ainda, identificar as principais perspectivas de análise dos estudos revisados.

## Método

### *Estratégia de Busca*

Uma pesquisa bibliográfica foi conduzida no mês de abril de 2021, conforme as diretrizes do *Preferred Reporting Items for Systematic Reviews* (PRISMA). Nas bases de dados científicas *Scielo Brasil* e Portal Periódicos CAPES. A estratégia de busca utilizada foi: [racismo AND (humor or piada)] e [(racism or racist) AND (humor or joke)].

### *Crítérios de Inclusão e Exclusão*

Foram adotados os seguintes critérios de inclusão: língua portuguesa e/ou inglesa, periódico revisado por pares, ter os descritores racismo e humor no assunto e objetivos voltados a investigar a relação entre racismo e humor. Com o intuito de averiguar a dimensão dos estudos do campo que atendem aos critérios de inclusão, assim como para se ter um panorama do desenvolvimento desses estudos, não foi delimitado recorte temporal de publicação. Não obstante, o artigo mais antigo encontrado está datado de 2001.

Dada as características de busca de cada base de dados, foram utilizados os descritores e operadores booleanos supracitados no campo “assunto” no portal SciELO e Periódicos CAPES. Na base de dados Periódicos CAPES ainda foram aplicados os seguintes refinamentos a fim de atender aos critérios deste levantamento: tipo de recurso – artigos; idioma – português e inglês; periódicos revisados por pares; bases selecionadas – Gale; Sociological Abstracts; Scopus.

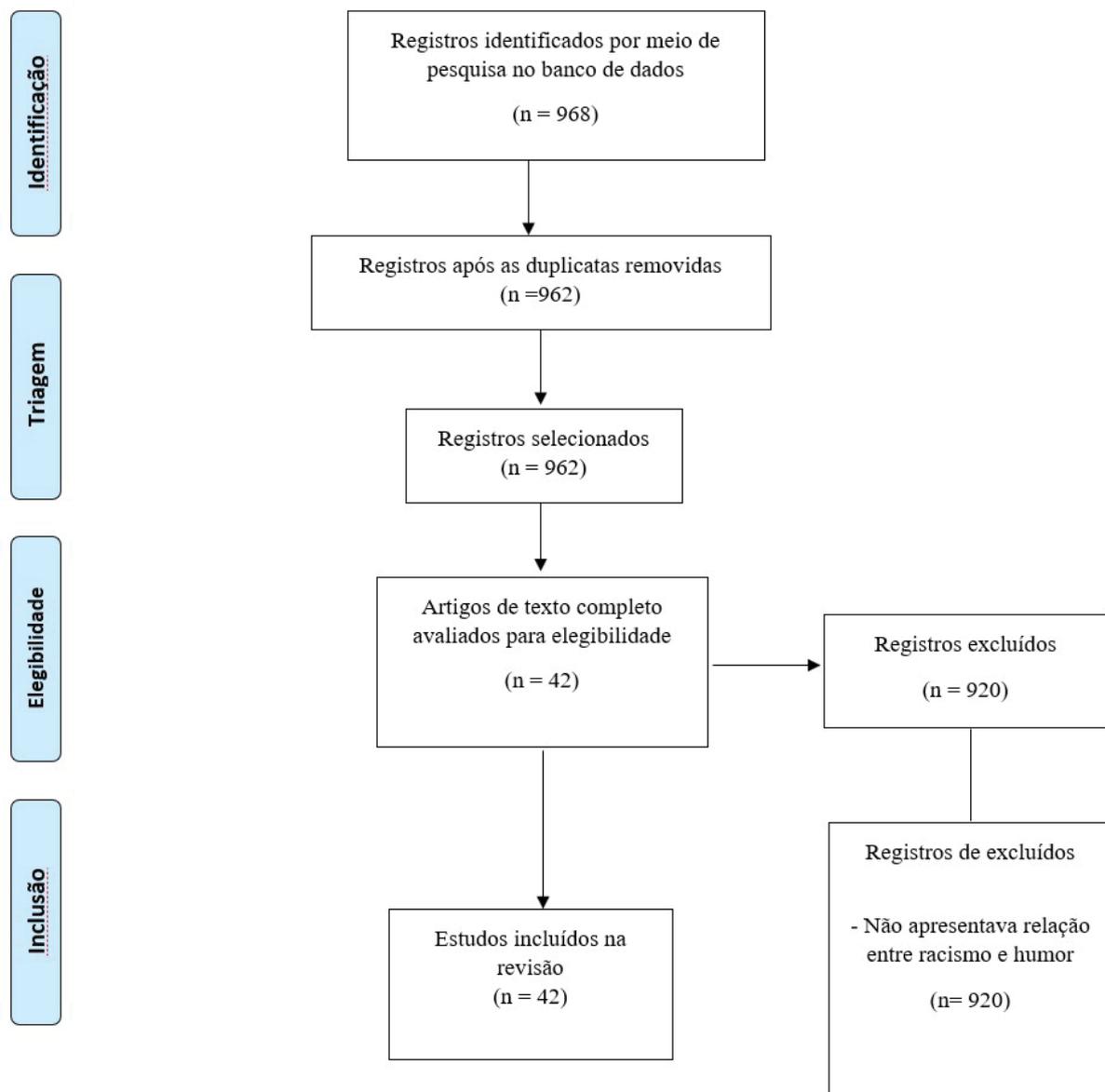
### Seleção dos Estudos

Um primeiro levantamento foi realizado nas bases de dados e excluídos os artigos em duplicação. Em seguida, revisaram-se títulos e resumos dos artigos recuperados e identificamos aqueles que atendiam aos critérios de inclusão, chegando à amostra final de resumos dos artigos a serem analisados. Todos os procedimentos metodológicos foram realizados e definidos por dois pesquisadores independentes. A repre-

sentação gráfica do processo é apresentada na Figura 1, em anexo.

Com a realização desses procedimentos, foram encontrados 968 artigos sem restrição de ano. Após a exclusão de quatro artigos repetidos que estavam indexados em mais de uma base de dados, e de 920 que não atendiam aos critérios de inclusão, restaram 42 artigos. Na Figura 1, observa-se a estratégia de busca empregada, descrevendo todo o processo de seleção dos artigos revisados, seguindo as orientações do PRISMA.

**Figura 1**  
Fluxograma de Processos do PRISMA para a Seleção dos Estudos Revisados



### *Extração dos Dados*

A extração dos dados foi realizada utilizando uma tabela padronizada com título dos artigos, região dos autores, ano de publicação e área de estudo. O preenchimento da tabela foi conduzido por um dos pesquisadores e em seguida o segundo pesquisador verificou a sua precisão. Os dados sintetizados foram incluídos no *software* IRAMUTEQ (*Interface de R pour les Analyses Multidimensionnelles de Textes et de Questionnaires*) para a realização de análises estatísticas de dados textuais, ou seja, análises lexicais (Camargo & Justo, 2013)

### *Análise dos Dados*

Os resumos dos artigos que compuseram o *corpus* final (n= 42) foram analisados com o auxílio do *software* IRAMUTEQ. O *corpus* foi analisado a partir da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) que executa sucessivas repartições, gerando os segmentos de texto de acordo com os seus respectivos vocabulários e distribuídos em classes lexicais seguindo uma lógica de coocorrência e, conseqüentemente, semelhanças e distanciamentos (Sousa et al., 2020).

## **Resultados e Discussão**

Inicialmente, os dados cientométricos dos artigos selecionados trazem que: dos 42 artigos, apenas nove são da área da psicologia (21,4%) e os restantes são provenientes das áreas de ciências sociais e comunicação. Em relação ao contexto de produção, a maioria foi escrito e publicado fora do Brasil (90,5%), sendo os Estados Unidos o principal país. Já no Brasil, as regiões Nordeste e Sudeste contribuem com dois artigos cada. Quanto ao tipo de produção, a maioria se configura como artigo empírico (69,4%), orientado de forma quantitativa e qualitativa, com uma maior publicação no ano de 2016 (cinco artigos). A partir desses achados, podemos concluir que a produção com pouca expressividade, em especial no campo na psicologia na medida em que o primeiro artigo encontrado data 2001.

No que se refere à análise dos resumos, a Classificação Hierárquica Descendente (CHD) reteve 136 segmentos de texto do total do *Corpus*, que se dividiram e se reorganizaram em seis Classes lexicais. Em uma primeira partição, foi formado dois *subcorpora*, separando a Classe 6 das demais. Em uma segunda partição, o subcorpus maior foi dividido e, por um lado, aglutinou as Classes 1 e 2, enquanto, por outro, houve uma nova partição, originando a Classe 5. Por fim, a última partição estabeleceu as Classes 3 e 4. *É possível verificar a descrição e relação entre essas Classes no dendrograma apresentado na Figura 2, bem como os valores de qui-quadrado (X<sup>2</sup>) associados a cada palavra.*

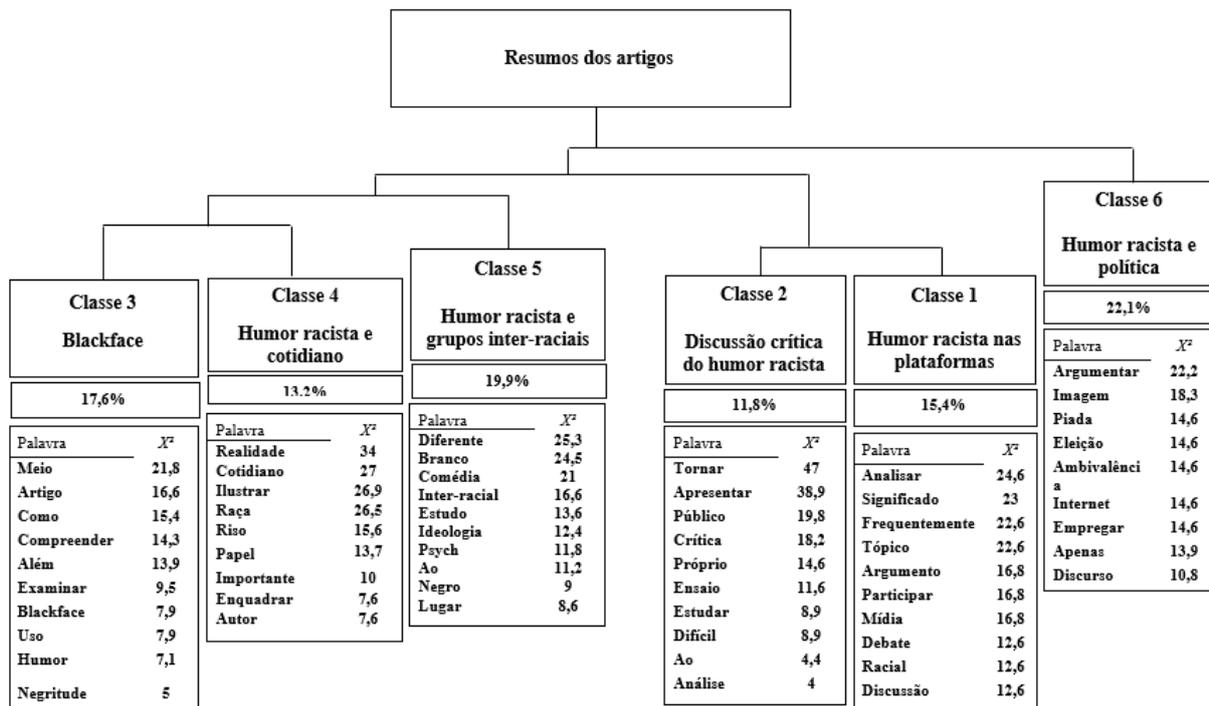
A Classe 6, que primeiro se separou, é a de maior representação do *corpus* (22,1%) e foi denominada “Humor racista e política”. A partir da leitura de seu conteúdo, verificaram-se segmentos de texto referentes aos resumos dos artigos que utilizam imagens satíricas que circularam *sites* da internet para fazer piadas; ou foram utilizadas como *priming* em condições experimentais a fim de analisar os argumentos referentes ao cenário de eleição do ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, como pode ser visto nos seguintes trechos:

*não faltaram essas piadas racistas visuais na candidatura e eleição de Barack Obama . . . a maioria delas reciclada do arquivo de imagens racistas estereotipadas que encheram a cultura impressa americana no final do século XIX e início do século XX. (Artigo 11);*

*E, “as próprias atitudes racistas simbólicas dos alunos moderaram esses efeitos aqueles que endossaram um racismo simbólico mais forte relataram respostas menos assertivas, mas apenas na condição de brincadeira” (Artigo 5).*

Como segmento de texto presente em um dos resumos alocados nesta Classe demonstra: “*os dados revelam que, em 2017, no Brasil, foram registrados 63.698 casos de discurso de ódio na internet, sendo um terço deles relacionados a discursos racistas*” (Artigo 37). Além desse uso,

**Figura 2**  
Dendrograma da Classificação Hierárquica Descendente (CHD) com os Resumos dos Artigos



são discutidos os efeitos decorrentes de quando a pessoa que fez a piada racista é flagrada e tem a situação exposta como racismo, sendo comum que se aproveitem da ambivalência de seu discurso, utilizem da desculpa de que era apenas uma piada e se desresponsabilizem das consequências, naturalizando esse tipo de “humor”. Um exemplo:

*o meta discurso das isenções de responsabilidade dos sites é estudado em relação à justificativa de uma piada ser apenas uma piada. . . . se mostra que o humor racista extremo da Ku Klux Klan não é apenas uma piada, mesmo em termos de seu próprio metadiscurso de apresentação. . . . o metadiscurso também sugere que a linguagem extrema do ódio racista é indicada como um assunto para diversão, os sites retratam o imaginário de extrema violência racista como uma questão de humor e a ambivalência de suas declarações é discutida. (Artigo 4)*

Assim, é possível observar a existência de estudos na psicologia, mais especificamente em estudos da psicologia social, que utilizam um

*priming* e analisam as justificativas que as pessoas apresentam frente ao estímulo.

A próxima Classe a se repartir e permanecer sozinha foi a Classe 5, denominada “Humor racista e grupos inter-raciais”, sendo a segunda mais representativa, pois integra 19,9% do *corpus* léxico. Nesta classe, fazem-se presentes estudos utilizando a série de televisão norte-americana *psych*, como é possível observar em:

*analiso a popular comédia da televisão psych para examinar as dimensões afetivas de um tipo de comédia pós-raça. . . . Psych, uma narrativa inter-racial de camaradas, adapta a comédia de situação assimilacionista para intensificar retoricamente a ideologia pós-raça, encorajando uma atitude alegre e despreocupada em relação à raça e ao racismo. . . . Psych tranquiliza o público de sua distância do racismo e confirma a ortodoxia secular da amizade inter-racial, uma ideologia despolitizante que vê a amizade como o antídoto para a injustiça estrutural e histórica. (Artigo 36)*

Ademais, têm-se discussões que trazem a comparação de como grupos inter-raciais

respondem e se relacionam com o humor racista, a exemplo de: *“especificamente, o estudo examinou até que ponto negros e brancos sentiriam desconforto ao ver insultos raciais em comédias com membros do grupo em comparação com membros de fora do grupo”* (Artigo 14). A base teórica e metodológica utilizada em cada artigo varia de acordo com a sua respectiva área, em sua maioria de ciências sociais e psicologia. Entre os nove artigos da área de psicologia, quatro são empíricos e três entre estes se organizaram nesta Classe, fazendo comparações de como o discurso do humor racial chega a pessoas negras e brancas e como elas reagem, a exemplo de: *“quando comunicados de forma humorística, os comentários racialmente preconceituosos podem ser considerados apenas piadas. O presente estudo investigou as respostas antirracistas de alunos brancos de graduação a diferentes tipos de comentários preconceituosos”* (Artigo 5).

Nessa mesma partição, mas em outro subcorpora, foi formada a Classe 1, denominada “Humor racista nas plataformas”, compondo 15,4% do *corpus*. Ela abarca questões relacionadas à análise da mídia, debates e discussão racial de comentários, em sua maioria presentes nas plataformas online, envolvendo estereótipos raciais tanto de pessoas negras, quanto de outros grupos minoritários, como migrantes não-brancos, a exemplo de:

*os brancos são ensinados a distância e estratégias de negação que lhes permitem se envolver em comentários raciais abertos e negar o racismo ou intenção racista, enquanto os não brancos são frequentemente encorajados a se envolver em estereótipos raciais sem crítica.* (Artigo 28)

A partir da grande repercussão desse tipo de mídia, os artigos abordam como os grupos são afetados em sua autopercepção e como os outros constroem suas percepções sobre tais grupos representados, o que é discutido em: *“o objetivo desta discussão é destacar como essas convenções e categorias moldam as avaliações dos americanos sobre o que é considerado racial”* (Artigo 18).

Essa mesma classe também levanta sobre como o humor pode ser uma ferramenta pedagógica para conscientização de determinados assuntos sociais como o racismo, mas que essa pode ser uma forma de intervenção utilizada de maneira inadequada por grupos que buscam a manutenção do sistema. Para isso, podem manipular a intenção da piada e acrescentar outros estereótipos ao grupo minoritário. Como pode ser visto em:

*reconhecendo os dilemas interpretativos do humor e as possibilidades do humor racista este ensaio conta uma história frequentemente esquecida dos heróis cômicos que lutam contra significados raciais dominantes relações de poder e construções de identidade. . . . o ensaio analisa as possibilidades pedagógicas de humoristas críticos que enfrentam criativamente o racismo hegemônico e cuja obra participa de projetos críticos de transformação social política e cultural. . . . esse humor racial emancipatório serve como uma pedagogia pública crítica que expõe pedagogias públicas dominantes injeta contra narrativas na luta pela hegemonia e subverte significados e privilégios raciais naturalizados.* (Artigo 32)

Compartilhando do mesmo subcorpus, a Classe 2, denominada “Discussão crítica do humor racista”, compõe 11,8% do léxico, sendo a que possui a menor representação. Apesar disso, ela aglutina segmentos de texto dos resumos que, em geral, apresentam ensaios críticos, em sua maioria de artigos teóricos, que identificam e analisam as discussões relacionadas ao humor racista. O enfoque desta Classe está na natureza do humor racista, isto é, o que está por trás de seu surgimento e como traz consequências graves para os grupos alvo, principalmente devido à sua velocidade de difusão e naturalização dessas piadas, como percebido em:

*o artigo examina as ligações entre o humor e o ódio, tema muitas vezes ignorado pelos pesquisadores do preconceito. O artigo estuda três sites que apresentam humor racista e simpatizam com a KuKluxKlan. A análise enfatiza a importância de examinar*

*o metadiscorso que apresenta e justifica o humor tanto quanto estudar a natureza do próprio humor. (Artigo 4)*

Ademais, a Classe 2 traz ainda necessidade de uma maior discussão sobre o tema, tanto da comunidade científica, como da sociedade em geral, visto que interfere na qualidade das relações intergrupais e pode promover propostas de intervenção utilizando o próprio humor, mas de maneira bem embasada e eficaz, buscando uma inclusão antirracista. Como observado em:

*Semelhante ao resto da Europa a programação multicultural na Finlândia se tornou um risco para a radiodifusão pública. Os programas que visam encorajar a inclusão social podem não atrair públicos suficientemente grandes e podem ser atacados por vozes anti-imigração cada vez mais altas. . . . apresentado por imigrantes do Irã e da Somália um comediante stand-up e um político este popular talk show foi ao ar na rádio pública finlandesa entre 2013 e 2016. . . . nossas descobertas ressaltam maneiras específicas nas quais a programação multicultural pode usar o humor estrategicamente para envolver públicos relativamente grandes e diversos em discussões destinadas a humanizar os imigrantes e desafiar os preconceitos sociais enquanto minimiza as críticas da direita e leituras não intencionais. (Artigo 25)*

E em “*este ensaio identifica o humor racial emancipatório como uma pedagogia pública crítica desarmante, que confronta a hegemonia racial*” (Artigo 32).

Em uma última partição, tem-se a formação da Classe 3, que representou 17,6% do *corpus* e foi denominada “Blackface”. De modo geral, esta Classe reúne resumos que trazem discussões sobre o uso do Blackface e como as piadas racistas fazem uso desse método para propagar estereótipos raciais e naturalizar a discriminação racial, pois aparenta ser uma forma suave de racismo que, para alguns indivíduos, nem é racismo. Esse método surgiu no teatro em 1848 e, ao longo dos anos, alcançou outros ambientes

“de arte”, como programas de televisão e de internet. A exemplo do seguinte trecho:

*da apresentação contemporânea do blackface é a fraternidade branca do Sul por meio do uso de artefatos raciais, o terrorismo racial é representado e a performatividade desse ato racista é reduzida sob a aparência de humor. Usando o comer o outro de Bell Hooks, juntamente com retórica visual, este artigo examina a popularidade contínua da marginalização racial e do terrorismo racial por meio de apresentações de rostos negros em fraternidades brancas do Sul. (Artigo 27)*

Um dos desdobramentos do *Blackface*, para além do uso objetivando o “humor racial”, é a fraude de direitos duramente conquistados, a exemplo das cotas raciais, onde pessoas brancas usam maquiagem ou tinta para acessar determinados lugares como parda ou negra, visto que ainda existem grupos que consideram as cotas como um privilégio (Silva, Araujo, Costa, & Santos, 2017). Dito de outra forma, em relações de grupos majoritários e minoritários, o grupo dominante buscará manter seu privilégio, mesmo que seja por atualizações de práticas racistas, como visto em:

*Com as especificidades da anti-negritude em vista, este artigo refina o conceito de Simon Weaver, racismo corporificado, para enfatizar que é uma forma de racismo biológico que historicamente tem como alvo os negros e continua a fazer hoje. . . . o artigo, portanto, sugere que deixar claro essas maneiras pelas quais o Blackface canadense contemporâneo só é legível como humor por meio de relações sociais racializadas é um componente necessário para desafiar as sugestões de que o Blackface é um humor não racial inofensivo. (Artigo 19)*

Por fim, a Classe 4 representa 13,2% do *corpus* e foi denominada de “Humor racista e cotidiano”. Em geral, as informações aglutinadas nessa classe trazem a realidade do racismo no cotidiano e como piadas racistas, carregadas de ideologias, operam na sua reprodução, em diferentes níveis de análise das relações sociais,

tanto de maneira institucional, quanto em um contexto interpessoal, a exemplo de: “*entre as incidências do racismo cotidiano, as piadas ofensivas são amplamente divulgadas como forma de estabelecer e manter normas sociais e de policiar as fronteiras do corpo social*” (Artigo 33). E se discute o que está evocando o riso, bem como quem é que está rindo, como em:

*O objetivo do presente artigo é fornecer uma possível leitura da realidade do racismo no Brasil, na qual o riso desempenha um importante papel mediador. Inscrito na fronteira entre realidades distintas, o psíquico e o social, o consciente e o inconsciente, o jocoso e o sério, o riso suscitado pela piada racista.* (Artigo 9)

Apesar de haver estudos na área de psicologia sobre o humor e o racismo, nenhum deles traz a voz das pessoas negras ou de outros grupos minoritários, que são as mais atingidas, nem sobre os impactos para a saúde mental delas. Na maior parte dos casos, têm-se pesquisas como: “*Ilustramos como o humor racial serve para reproduzir as ideologias nacionais do México e do Peru e reforça os sistemas racializados de dominação dos países*” (Artigo 34). Além dessa falta, tem-se uma necessidade da literatura em explorar mais sobre as formas de resistência para lidar com o racismo presente no cotidiano, o que pode ser verificado em: “*o artigo conclui que as técnicas de humor permanecem pouco exploradas como ferramentas importantes de resistência ao racismo cotidiano*” (Artigo 22).

Outro aspecto a ser considerado é a qualidade metodológica dos estudos. Observaram-se entre os 42 estudos que compõem a amostra perspectivas metodológicas distintas com diferentes níveis de análise, desde estudos que investigam a relação entre racismo e humor com base em questões que emergem de uma séria de televisão até estudos que propõe discussões com base em manipulação de variáveis a partir de um delineamento experimental. Assim, têm-se tanto investigações dentro da realidade social como também aquelas que criam um contexto experimental no qual o tema emerge. Essa diversidade metodológica favorece a

análise do fenômeno de forma mais completa e considerando a complexidade inerente a ele.

## Considerações Finais

O objetivo deste trabalho foi analisar a produção científica de distintas áreas que tiveram como foco de análise o racismo e o humor racista a partir de um estudo de revisão sistemática de literatura. Embora os estudos que compõem a amostra apresentem uma diversidade metodológica e desenvolvam diferentes dimensões do fenômeno, identificamos um número de publicações científicas com pouca expressividade diante a necessidade do debate ao tema do humor racista e racismo. Em especial no campo da psicologia, situação ainda mais restrita, na medida em que o primeiro artigo encontrado foi publicado apenas em 2001. O uso dos indicadores por meio da cientometria, além de permitir a visibilidade dos indicadores de produção da área que tratam da temática, também possibilitou vislumbrar a agenda de pesquisa desenhada até então. Destacamos a tradição da psicologia social do racismo na realização de pesquisas com cenários de justificativas a fim de compreender como os grupos interraciais respondem e se relacionam ao humor racista.

Existem limitações neste estudo quanto ao número de bases de dados utilizadas (apenas duas), o que pode não ter contemplado todo o montante de produções empíricas sobre humor racista e racismo. Ainda que sejam importantes bases e que concentrem uma quantidade e qualidade significativas de periódicos nacionais e internacionais indexados, ampliar o número de bases poderia gerar resultados diferentes ou complementares a esta análise. Por fim, acreditamos que novas estratégias de busca possam ser pensadas para que um cenário mais amplo de produções na área possa emergir. Para tanto, julgamos pertinente que futuras pesquisas busquem suprimir as lacunas observadas e ampliar o conhecimento na área do humor racista e racismo, de modo a compreender o impacto e compreensão do fenômeno sob a ótica dos seus atingidos.

### Contribuição dos autores

Camilla Lima de Araujo: Desenvolve uma tese de doutoramento, a qual deu base para o artigo. Apoiou desde o planejamento da pesquisa e na coleta de dados a campo, bem como nas análises dos dados e redação do artigo.

Diego Fonseca Gois: Apoiou na coleta de dados a campo, bem como na análise e interpretação dos dados.

### Conflitos de interesse

Os autores declaram não haver conflito de interesses relacionado à publicação deste manuscrito.

### Referências

- Bonilla-Silva, E. (2010). *Racism without racists – Color-blind racism & racial inequality in contemporary America*. Rowman & Littlefield.
- Cabrera, N. L. (2014). But we're not laughing: White male college students' racial joking and what this says about "post-racial" discourse. *Journal of College Student Development*, 55(1), 1–15. <https://doi.org/10.1353/csd.2014.0007>
- Camargo, B. V., & Justo, A. M. (2013). IRAMUTEQ: Um software gratuito para análise de dados textuais. *Temas em Psicologia*, 21(2), 513-518. <https://dx.doi.org/10.9788/TP2013.2-16>
- Dahia, S. L. M. (2010). Riso: Uma solução intermediária para os racistas no Brasil. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 10(2), 373-389. <https://doi.org/10.1590/S0102-69922008000300007>
- Ferguson, M. A., & Ford, E. T. (2008). Disparagement humor: A theoretical and empirical review of psychoanalytic, superiority and social identity theories. *Humor: International Journal of Humor Research*, 21(3), 283–312. <https://doi.org/10.1515/HUMOR.2008.014>
- Ford, T., Richardson, K., & Petit, W. (2015). Disparagement humor and prejudice: Contemporary theory and research. *HUMOR*, 28(2), 171-186. <https://doi.org/10.1515/humor-2015-0017>
- Gaertner, S. L., & Dovidio, J. F. (1986). The aversive form of racism. In J. F. Dovidio & S. L. Gaertner (Eds.), *Prejudice, discrimination, and racism: Theory and research* (pp. 61-89). Academic Press.
- Gilbert, J. R. (2004). *Performing Marginality: Humor, Gender, and Cultural Critique*. Wayne State University Press.
- Harwood, S. A., Browne Hunt, M., Mendenhall, R., & Lewis, J. A. (2010). *Racial microaggressions at the University of Illinois at Urbana-Champaign: Voices of students of color living in university housing*. Urbana, IL University of Illinois, Center on Democracy in a Multiracial Society.
- Katz, I., & Hass, R. G. (1988). Racial ambivalence and American value conflict: Correlational and priming studies of dual cognitive structures. *Journal of Personality and Social Psychology*, 55(6), 893–905. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.55.6.893>
- Kinder, D. R., & Sears, D. O. (1981). Prejudice and politics: Symbolic racism versus racial threats to the good life. *Journal of Personality and Social Psychology*, 40(3), 414–431. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.40.3.414>
- Lima, M. E. O., & Vala, J. (2004). As novas formas de expressão do preconceito e do racismo. *Estudos em Psicologia*, 9(3). <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2004000300002>
- Lima, M. E. O. (2019). O que há de novo no “novo” racismo do Brasil?. *Revista Ensaios e Pesquisa em Educação e Cultura*, 4(7), 157-177. <https://doi.org/10.29327/211303.4.7-10>
- McConahay, J. B., & Hough, J. C., Jr. (1976). Symbolic racism. *Journal of Social Issues*, 32, 23-45. <https://doi.org/10.1111/j.1540-4560.1976.tb02493.x>
- Moreira, A. (2019). *Racismo Recreativo*. Jandaíra.
- Morreal, J. (2009). *Comic Relief: A Comprehensive Philosophy of Humor*. Wiley-Blackwell.
- Pedersen, A., & Walker, I. (1997). Prejudice against Australian Aborigines: Old-fashioned and modern forms. *European Journal of Social Psychology*, 27, 561-587. [https://doi.org/10.1002/\(SICI\)1099-0992\(199709/10\)27:5<561::AID-EJSP833>3.0.CO;2-3](https://doi.org/10.1002/(SICI)1099-0992(199709/10)27:5<561::AID-EJSP833>3.0.CO;2-3)
- Pérez, R. (2013). Learning to make racism funny in the 'color-blind' era: Stand-up comedy students, performance strategies, and the (re) production of racist jokes in public. *Discourse & Society*, 24(4), 478–503. <https://doi.org/10.1177/0957926513482066>

- Pettigrew, T. F., & Meertens, R. W. (1995). Subtle and blatant prejudice in Western Europe. *European Journal of Social Psychology, 25*, 203-226. <https://doi.org/10.1002/ejsp.2420250106>
- Sousa, Y. S. O., Gondim, S. M. G., Carias, I. A., Batista, J. S., & de Machado, K. C. M. (2020). O uso do software Iramuteq na análise de dados de entrevistas. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais, 15*(2), 1-19. <https://doi.org/10.1590/S1980-220X2017015003353>
- Sue, D. W. (2010). *Microaggressions in everyday life: Race, gender, and sexual orientation*. Wiley.
- Zoltowski, A. P. C., Costa, A. B., Teixeira, M. A. P., & Koller, S. H. (2014). Qualidade metodológica das revisões sistemáticas em periódicos de psicologia brasileiros. *Psicologia: Teoria e Pesquisa, 30*, 97-104. <https://doi.org/10.1590/S0102-37722014000100012>

Recebido: 27/01/2022

1ª revisão: 20/04/2022

Aceite final: 21/04/2022

## Anexo

**Tabela 1**  
**Artigos Incluídos na Revisão**

Artigos	Região dos autores	Ano de publicação	Área de estudo
1. The denial of racism: The role of humor, personal experience, and self-censorship	África do Sul	2001	Psicologia
2. Human Exploitation Is NOT a Joke – So don't laugh!	Reino Unido	2009	Psicologia
3. Democracia Racial Brasileira: Uma piada sem graça	Brasil (Sudeste)	2017	Psicologia
4. Humour and hatred: The racist jokes of the ku klux klan	Reino Unido	2001	Psicologia
5. Just Joking? White College Students' Responses to different types of racist comments	Estados Unidos	2019	Psicologia
6. Race-Based Humor and peer group dynamics in adolescence: Bystander intervention and social exclusion	Estados Unidos	2016	Psicologia
7. Policing and Race: Disparate treatment, perceptions, and policy responses	Estados Unidos	2016	Psicologia
8. Democracia racial: O não-dito racista	Brasil (Nordeste)	2006	Psicologia
9. A mediação do riso na expressão e consolidação do racismo no Brasil	Brasil (Nordeste)	2008	Psicologia
10. Fight the power: African American humor as a discourse of resistance	Estados Unidos	2012	Sociologia
11. Just Joking? Chimps, Obama and racial stereotype	Estados Unidos	2009	Artes

12. Lighten up?! Humour, race, and da off colour joke of ali G	Reino Unido	2009	Ciências Políticas
13. What are You Laughing at? Examining white identity and enjoyment of black entertainment	Estados Unidos	2011	Comunicação
14. Experiencing Racial Humor with Outgroups: A psychophysiological examination of co-viewing effects	Estados Unidos	2017	Comunicação
15. Speaking Fluent ‘Joke’ Pushing the racial envelope through comedic performance on Chappelle’s Show	Estados Unidos	2007	Comunicação
16. Trumping Tropes with Joke(r)s: The daily show “plays the race card”	Estados Unidos	2013	Comunicação
17. No Laughing Matter? The ethics of racial humor in tres sombreros de copa	Reino Unidos	2016	Letras
18. What are you laughing at? Assessing the “racial” in u.s. public discourse	Estados Unidos	2009	Antropologia
19. A laugh for the national project: Contemporary Canadian blackface humour and its constitution through Canadian anti-blackness	Canadá	2018	Educação
20. On the back of blackness: Contemporary Canadian blackface and the consumptive production of post-racialist, white Canadian subjects	Canadá	2017	Educação
21. “Is it Because I is Black?” Race, humour and the polysemiology of Ali G	Reino Unido	2006	Comunicação
22. I’m not joking! The strategic use of humour in stories of racism	Reino Unido	2018	Educação
23. To Laugh or Not to Laugh at Racist Jokes	Espanha	2016	Filosofia
24. On the Comedy of Race	Estados Unidos	2021	Linguagem
25. (In/exclusion) Humor and diversity in Finnish public radio: ‘If all immigrants were as funny as you guys, nobody would have any problems’	Finlandia	2019	Comunicação
26. Satire, racist humour and the power of (un) laughter: On the restrained nature of Swedish online racist discourse targeting EU-migrants begging for Money	Suécia	2015	Sociologia
27. Jim Crow on Fraternity Row	Estados Unidos	2008	Comunicação
28. Learning to make racism funny in the ‘color-blind’ era: Stand-up comedy students, performance strategies, and the (re)production of racist jokes in public	Estados Unidos	2013	Sociologia
29. From Insult to Estrangement and Injury: The violence of racist police jokes	Estados Unidos	2019	Sociologia

30. Comic Relief: The Andy Griffith Show, White Southern Sheriffs, and Regional Rehabilitation	Estados Unidos	2015	Linguagem
31. Comic Provocations in Racial Culture: Barack Obama and the “Politics of Fear”	Estados Unidos	2011	Comunicação
32. Emancipatory Racial Humor as Critical Public Pedagogy: Subverting hegemonic racism	Estados Unidos	2015	Comunicação
33. Black-faced, red faces: The potentials of humour for anti-racist action	Austrália	2016	Ciências Físicas
34. It was only a joke’: How racial humour fuels colour-blind ideologies in Mexico and Peru	Estados Unidos	2013	Sociologia
35. Race and black humor: From a planetary perspective	Estados Unidos	2010	Sociologia
36. Psych’s Comedic Tale of Black–White Friendship and the Lighthearted Affect of “Post-Race” America	Estados Unidos	2011	Linguagem
37. Disparagement humour and gendered racism on social media in Brazil	Brasil (Sudeste)	2019	Ciências Políticas
38. Developing a rhetorical analysis of racist humour: Examining anti-black jokes on the Internet	Reino Unidos	2010	Ciências da Saúde
39. The ‘Other’ Laughs Back: Humour and Resistance in Anti-racist Comedy	Reino Unidos	2010	Ciências da Saúde
40. Jokes, rhetoric and embodied racism: A rhetorical discourse analysis of the logics of racist jokes on the internet	Reino Unidos	2011	Ciências da Saúde
41. A rhetorical discourse analysis of online anti-Muslim and anti-Semitic jokes	Reino Unido	2013	Ciências da Saúde
42. Making Fun out of Difference: Ethnicity–Race and Humour in a London School	Reino Unido	2015	Antropologia



© O(s) autor(es), 2022. Acesso aberto. Este artigo está distribuído nos termos da Licença Internacional Creative Commons Atribuição 4.0 (<http://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>), que permite o uso, distribuição e reprodução sem restrições em qualquer meio, desde que você dê crédito apropriado ao(s) autor(es) original(ais) e à fonte, fornecer um link para a licença Creative Commons e indicar se as alterações foram feitas.